

SOBRE A *STIMMUNG*: BIRANISMO E FENOMENOLOGIA

Luís António Umbelino

Universidade de Coimbra
umbelino.luis@clix.pt

RESUMEN: Marc Richir ha mostrado en obras recientes la importancia de un análisis fenomenológico de las relaciones complejas entre fantasía, imaginación y afectividad, a fin de descifrar nuestra "demasiado humana" naturaleza. La *terra incognita* que se deja contemplar desde tal encrucijada de conceptos es difícil de analizar y plantea el reto de comprender que no podemos "medir" nuestra "condición humana" sin tomar en consideración las dimensiones imaginativas y afectivas, las fronteras de la razón, los puntales de la institución simbólica, la presencia *savage* y no perceptible de la *Stimmung*. En este particular contexto no es un detalle, a nuestro parecer, la referencia hecha por Richir a Maine de Biran; pues él cree que Biran es el filósofo que "mejor que ningún otro, y mucho antes de Heidegger" comprendió y analizó con mayor rigor las singulares características de esta *terra incognita* ("continente perdido", dice Biran) de la *Stimmung*, de las tonalidades, variaciones y erupciones, afectivas. Este ensayo pretende subrayar los puntos fundamentales de la posición de Richir al respecto, pero también, y sobre todo, mediar en la contribución de Maine de Biran a la comprensión de la tonalidad siempre bizarra que baña al mundo cuando nos aparece en su *Jemeiningkeit*.

PALABRAS CLAVE: *Stimmung*, Maine de Biran, afectos, cuerpo, melancolía.

ACERCA DE LA *STIMMUNG*. BIRANISMO Y FENOMENOLOGÍA

RESUMO: M. Richir já mostrou num dos seus textos a importância da análise fenomenológica das relações complexas entre *phantasie* *imagination* e *afectivité* para a decifração da nossa natureza *demasiado humana*. Nesse cruzamento conceptual aprendemos que para "medir" a "condição humana" é forçoso ponderar as dimensões imaginativa e afectiva, as fronteiras da razão, as margens da instituição simbólica, a presença selvagem da *Stimmung*. E, neste contexto, não é, a nosso ver, um pormenor a referência de M. Richir aos trabalhos e Maine de Biran, de quem afirma que "melhor do que ninguém, e muito antes de Heidegger", compreendeu o carácter singular dessa *terra incógnita*. Este trabalho procura meditar sobre a contribuição de Mainde de Biran para a compreensão filosófica das sempre bizarras tonalidades, variedades e erupções da afectividade, que marcam o ritmo da existência.

PALAVRAS-CHAVE: *Stimmung*, Maine de Biran, Afecções, Corpo, Melancolia.

ABOUT THE *STIMMUNG*. BIRANISM AND PHENOMENOLOGY

ABSTRACT: M. Richir, in recent works, showed the importance of a phenomenological analysis of the complex relations between "phantasie", "imagination" and "afectivité" to the deciphering of our too much human nature. The *terra incognita* that can be seen from that conceptual crossroad is difficult to analyse and poses a challenge: to understand that we can not "measure" our "human condition" without taking into account the imaginative and affective dimensions, the boundaries of reason, the shores of the symbolic institution, the savage non perceptible presence of the *Stimmung*. In this particular context it is not, in our view, a detail the reference made by Richir to Maine de Biran. The phenomenologist believes Biran to be the philosopher that "better than anyone else, and much before Heidegger", understood and more rigorously analysed the singular characteristics of that *terra incognita* (that "lost continent" as Biran puts it) of the *Stimmung*, of the affective tonalities, variations and eruptions. This paper aims to underlain the main points of Richir's positions on this subject, but also, and most of all, to meditate on that contribution made by Maine de Biran to the understanding of the always bizarre tonality that bathes the world when it appears to us with its *Jemeiningkeit*.

KEY WORDS: *Stimmung*, Maine de Biran, affections, body, melancholy.

1. O que é, no modo não apenas de ser mas de viver humanamente, *humano, demasiado humano*? Sob este questionamento de ressonâncias nietszchianas esgueira-se o enigma da nossa "natureza propriamente humana", para cuja tentativa de decifração viu M. Richir contribuir decisivamente a análise fenomenológica das relações complexas entre *phantasia, imaginação e afectividade*¹. A *terra incógnita* que se avista desse lugar de cruzamento conta-se dificilmente, mas aponta como medida do humano a desmesura da dimensão imaginativa e afectiva, as fronteiras da razão (de que são revelador decisivo as psicopatologias), as margens da instituição simbólica, o aparecer selvagem da *Stimmung* sempre "imperceptível". Não nos parece um pormenor desprezível que, ao meditar o campo da antropologia fenomenológica assim anunciado em esboço, M. Richir evoque a figura de Maine de Biran, referindo-se-lhe como o filósofo que melhor viu o carácter irrepresentável dessa *terra incógnita* – desse *continente desconhecido* escreveu, efectivamente, Biran – e melhor soube identificar as suas características mais singulares². Atentaremos, nesta ocasião, a tal referência que nos situa no que poderíamos denominar de teoria biraniana do corpo afectivo – teoria na qual o filósofo de Bergerac, antecipando as análises de M. Heidegger³, tematiza, de facto, essa "tonalidade afectiva" que "banha o mundo que me aparece com a sua *Jemeiningkeit*"⁴ e marca igualmente o meu acesso aos outros.

2. Com Biran compreendemos, desde logo, que a *Stimmung* não tem o seu começo na consciência; ou seja, não depende da linha do esforço aperceptivo que funda o *eu* como relação (ou dualidade interna) entre uma força hiper-orgânica e um corpo *apropriado* ou interiormente resistente e dócil (corpo próprio que, neste aparecer "interior" sem figura, se deve distinguir – tal como Maine de Biran, justamente, faz – do corpo exteriormente percebido). A *Stimmung* radica-se, antes, nas "leis constantes e necessárias" que, enquanto "seres organizados vivos e sentintes", nos "determinam sem se saberem"⁵. Durante os primeiros anos de vida – e antes do surgimento do esforço, da vida de relação ou consciência – apenas essas leis vigoram, operando exclusivamente os modos instintivos e as faculdades passivas mobilizadoras de uma identificação à *combinação viva*. Pode dizer-se que *homo vivit et est vitae nescius ipsae suae*⁶. Mas, *aspecto decisivo que Biran sublinhará, essa nossa "primeira realidade" não desaparece quando o esforço se constitui, permanecendo*

*operante ao longo de todo o tempo da nossa vida: aquele que sente ou sofre a existência será, pois, o mesmo que a procurará pensar*⁷; aquele que pensa continuará a ser aquele que vive e, por essa razão, permanece exposto às variações qualitativas de um fundo vital *anónimo* que, em nós sem nós, comporá, então, a sensibilidade passiva afectivo-intuitiva.

Sobre as características mais determinantes das *Stimmunguen* Biran também não se enganou: são rebeldes à vontade e vazias do *eu* (e como foi criticada pelos contemporâneos de Biran esta tese de uma *sensação sem eu*), totalmente interiores ("esquivam-se à reflexão pela sua própria intimidade"⁸), sucedem-se, combinam-se misturando-se incessantemente e formam o fluxo de uma matéria sensitiva sem "formas" de espaço, tempo ou causalidade subjectiva.

Sem a "forma" do espaço, porque a *sensibilidade afectiva* conserva quase sempre a característica predominante de *afecção geral* – o que significa que os afectos se confundem na sensibilidade geral de que são elementos. As *afecções puras* podem ser, neste sentido, também denominadas como *afecções puras ilocalizáveis*, no sentido em que o efeito "*local*" na impressão tende a confundir-se inteiramente na *afecção geral de todo o sistema*"⁹, correspondendo ao sentimento *surdo* e confuso de algo agradável ou sofrido "por si mesmo". As *afecções puras* nunca trazem, portanto, consigo a marca do lugar que ocupam¹⁰. Não estaremos em relação a elas numa situação muito diferente da do paraplégico descrito por Rey Régis¹¹, que experimenta a impossibilidade de, na ausência da actividade da vontade, localizar as impressões sofridas. Porque ao nível da sensibilidade passiva apenas entra em jogo "uma faculdade passiva de sentir e receber impressões (...) de sofrer disposições naturais ou adquiridas dos órgãos"¹², somos afectados sem saber onde nem como. *Identificados* ao corpo cartografado por inscrições não-conscientes de prazer ou dor¹³, *tornamo-nos o corpo do prazer ou o corpo da dor*.

O modelo da *afecção geral* é a cinestesia¹⁴ e das respectivas impressões afirmará Biran que deixam "atrás de si vestígios que influem na sua maneira sobre a existência inteira"¹⁵ como marcas de atracções ou repugnâncias, *apetites* ou *necessidades*, tendências, simpatias, necessidades, disposições, por igual organicamente determinadas e que

dependem dos elementos afectivos que se excitam reciprocamente por *consenso*¹⁶. Esses vestígios não se confundem, no entanto, com a "recordação"¹⁷, pois também a forma do tempo não lhes pertence. Se apenas o *eu* pode recordar e não estando, em rigor, nas afecções puras ilocalizáveis, não haverá nestas *sujeito de reminiscência*¹⁸. Trata-se, efectivamente, aqui de um fluxo que antecede o tempo da consciência, de um "passado imemorial" que nos acompanha permanentemente sem implicar qualquer repetição, no presente, de uma presença que foi. A "nulidade de recordação" caracteriza os jogos anónimos da afectividade e as suas tonalidades não dão lugar a qualquer temporalização no presente. M. Richir, desenvolvendo implicações desta mesma questão em M. Heidegger, afirmará, por seu turno, que a raiz das afecções é *imemorial* (questão de um proto-tempo maximamente *arcaico*) e *imaturada*¹⁹.

Dos *consensos* do jogo da sensibilidade passiva está ausente ainda a forma de causa, na medida em que nos referimos às repercussões da auto-sustentação do organismo, anónima no funcionamento particular de cada órgão e regendo-se por leis de *simpatia*; nestas se radica uma vida comum pautada por leis próprias, ou seja, o próprio "fluxo perpétuo"²⁰ das afecções, promotor de um *devir identificatório*²¹ (inversamente proporcional à *articulação* do que se apropria no esforço²²), que corre sem duração e ao qual se deve a variedade dispersa, confusa e disseminada, do sentimento de existência²³.

Este "jogo da vida"²⁴ com as suas "lutas intestinas"²⁵ e "forças conspiradoras"²⁶, é seguramente questão do *fatum* do corpo que *opera em nós sem nós*²⁷ (*in mente est providencia, in corpore est fatum*²⁸), questão da presença muda, inconsciente – de um "inconsciente somático"²⁹ e não psíquico ou psicológico – do corpo vivo³⁰: corpo da espontaneidade da organização, dos automatismos e hábitos, das variações qualitativas, das combinações dos órgãos internos³¹ e respectivas funções que aí *conspiram e consentem*. Ora, essa presença, embora muda, não deixa de fazer ouvir as "vozes do silêncio" de uma interioridade *dissidente* – de uma interioridade outra por relação ao esforço aperceptivo, desenhada, precisamente, pelas repercussões no plano da consciência desse corpo *qualitativo, variável, impessoal*, furtivo e rebelde.

Neste sentido, se não seria, em princípio, descabido afirmar que para Biran – e usando uma formulação husserliana³²

– a *Stimmung* se reporta e enraíza na *Innenleiblichkeit* ou corporeidade viva interna (e não, precisamente, no corpo da fisiologia ou da anatomia), há, no entanto, que esclarecer o sentido que Biran poderia atribuir a tal formulação. Isto porque, para o filósofo de Bergerac, a experiência da corporeidade interior é complexa: a par da consideração de um corpo da apercepção – corpo próprio que se presentifica, sem figura, como plano de resistência e consistência à vontade, corpo que é elemento constitutivo do facto primitivo e, por isso, não é nunca um dado para a consciência mas dado com ela –, insinua-se na existência pessoal, bordejando a consciência, invadindo-a quantas vezes, um corpo que não entra em relação com a vontade, que não se *dispõe* à apropriação, que não resiste ou se adapta à força-eu. A interioridade que anuncia não é de esforço. Trata-se de uma interioridade selvagem; tanto mais notável³³ quanto é real e imparável o seu poder de promover as mais diversas exacerbações sensitivas, produzir o tom do sentimento geral (vago) de uma existência ora alegre, ora penosa, e chegar mesmo a perturbar as "determinações *hiper-orgânicas* (...), a direcção das nossas ideias, da nossa vontade mais reflexiva"³⁴. Será aquela interioridade selvagem, enfim, que constituirá o pano de fundo incontornável do *nosso modo de ser*, do *nosso carácter* – que não é mais do que a fisionomia³⁵ do *nosso temperamento* e a marca mais distintiva da nossa *singularidade*³⁶.

Sobre esse fundo da sensibilidade passiva permanecemos ignorantes e incapazes de os expor. É impossível a cada um, afirmará Biran, "conhecer a fundo o que é um seu semelhante como vivo e sentinte e manifestar o que cada um é nele próprio"³⁷, *no âmago do seu próprio carácter. Ao contrário do que pensou a fisiognomonía, a fisionomia* do temperamento fundamental "não tem espelho que a reflita aos seus próprios olhos, ou que a coloque em relevo fora dela própria"³⁸. Richir dirá que se trata de algo irreduzível a qualquer *Darstellung como "objecto"*; Biran, por seu lado, serve-se da ideia de "refracção", falando-nos, assim, de *refracção orgânica*³⁹, *sensitiva*⁴⁰, *animal*⁴¹ e ainda *mora*⁴². Dirá deste modo o filtro não consciente (não encontramos "a respectiva causa em nenhuma experiência, em nenhuma associação de ideias ou sentimentos anteriores"⁴³) e infigurável que "nos mostra a natureza exterior ora sob um aspecto risonho e gracioso, ora coberto de um véu fúnebre, que nos faz ver nas mesmas coisas, nos mesmos seres, ora objectos de esperança e de amor, ora motivos de desconfiança e de medo"⁴⁴, ora lugares de beleza e fe-

aldade⁴⁵. Presentimos a sua presença esgueirando-se nos momentos em que, inexplicavelmente, alternam em nós alegria e tristeza, agitação e calma, frieza e ardor, timidez e coragem, desespero e esperança⁴⁶. Do mesmo modo, permanece obscura a forma como o *sentimento geral de existência* se contagia com os "diversos fluidos ambientes" que impressionam o *corpo-pele*⁴⁷ ao mudarmos de casa ou ao chegar a um novo espaço; o mesmo se dirá das repercussões das afecções odoríferas no tecido da "simpatia" repercutindo-se nas atrações e repulsas que os cheiros sempre evocam; as simpatias directas que passam pelo gosto (tendo sido já notada a proximidade da análise de Biran com as investigações de psicopatologia fenomenológica empreendidas por H. Tellenbach⁴⁸) merecem análoga consideração; e não se ignorará que permanece sem palavra a "chama viva do olhar"⁴⁹ que, inusitadamente, anuncia o abismo de um corpo vivo que se esquia; os efeitos da melodia musical quando toma todo o corpo (comprovando o "talismã da sensibilidade"⁵⁰ que representa a união da audição à voz) também se furtam à representação, mas serão para Biran, o filósofo harpista, exemplo particularmente significativo da admirável *adaptação* do corpo vivo, *ressoante* ao ritmo das afecções; destaque-se igualmente, e em sentido análogo, o que Biran nomeia de *atmosfera*⁵¹ – *em tudo igual à orbita dos planetas* – que se exerce, no contacto com os outros, *entre vários indivíduos da mesma espécie e que os leva a atraírem-se ou a afastarem-se* pelos motivos mais obscuros. Em qualquer dos casos, tudo se passa como se irreflectidas "disposições, variáveis ou fixas" impregnassem os objectos ou as imagens de "certas modificações afectivas que lhes parecem próprias" com os seus "produtos", que são sempre "produtos não percebidos". E nestas circunstâncias não se negará que impressões acidentais exteriores nos possam modificar; mas quando a vida afectiva se aviva é o nosso temperamento que mais frequentemente lhes fornece "o tom em lugar de o receber"⁵². O mundo e os outros aparecem-nos, então, com as características fenomenológicas do insólito, do inesperado, do espantoso, do "impensável" – irredutíveis a qualquer memória ou antecipação.

Em rigor, pois, as "causas" *arcaicas* das afecções e seu modo de formar o *temperamento*, determinar o tom do sentimento de existência, contagiar a "sensibilidade do coração"⁵³, permanecem fora de qualquer movimento da consciência. Não conseguimos retroceder até essa "origem". Não pretendendo afirmar aqui qualquer "nada prévio" ao

*eu*⁵⁴, invoca-se, outrossim, o *ponto cego da experiência consciente*, formado pela comunicação e conjugação da multiplicidade de afectos entrecruzados, que se sucedem e substituem no corpo afectivo, influenciando de modo *constante*⁵⁵ e *contínuo*⁵⁶ "a direcção das nossas ideias e dos nossos pecados" – ascendente tanto mais difícil de ultrapassar "quanto é desconhecida a sua fonte independente"⁵⁷ e tanto mais insólito quanto essa fonte está em nós mesmos. Tese decisiva: os "sintomas" da afectividade contaminam recorrentemente a temporalidade do *eu* do esforço.

Esse lugar de complicação evidenciará ao mesmo tempo a *refracção* sensitiva e o seu poder de *efracção* que vem das profundezas do corpo afectivo, escondendo-se mas guardando de algum modo o seu poder de *transpassibilidade* (Maldiney⁵⁸) no campo da consciência. Das combinações inconscientes somáticas, o *eu* está pura e simplesmente ausente (não é a cinestesia que faz o eu, mas o regime do esforço), podendo afirmar-se que sofre ou frui absolutamente; contudo, a partir do momento *em que me dou conta do que sinto* – num "acordar" quotidiano –, sei que sou eu e não outro que *sofre*, que sou *eu, o mesmo, que sofre e sabe que sofre*, que tem o *sentimento da sua existência* e, numa experiência de *passividade*⁵⁹, padece o *sofrer de existir*. O *sentimento* (composto) *penoso ou agradável de estar a existir* não é "sentido" por nenhum órgão, ou pela matéria: sou eu que o sinto em função do modo como nele participo ou a ele me abandono. E nesse *sentir* faz-se a experiência de uma estranheza, de uma cisão, de uma quebra, de uma diferença, de uma variação – enfim, de um campo fenomenológico bem mais vasto do que é demonstrável pelos actos da consciência⁶⁰.

3. Mormente num recuo por relação ao *eu*, às suas relações a si, aos fenómenos-de-mundo e os outros, a ocorrência de fenómenos afectivos que se desenrolam num outro indivíduo pode, sustentará Biran, ser observada em alguns comportamentos específicos; ou seja, não se negará que o jogo das afecções se "assinala" em comportamentos determinados que se oferecem, *até certo ponto*, ao observador atento como indicadores ou *signos* de estados dominados pela simplicidade vital. Desta possibilidade dá conta a importante teoria biraniana dos "signos simpáticos"⁶¹ – teoria que não escamoteia, diríamos em linguagem fenomenológica, a que ponto a *Innenleiblichkeit* (corporeidade viva interna) é capaz de *contaminar a Aussenleiblichkeit*

(corporeidade viva externa). Anuncia-se o problema da "expressividade"⁶² da *Stimmung*.

Segundo Maine de Biran, para que um comportamento alerte para a ocorrência de fenómenos afectivos num outro sujeito, é necessário que aquilo que se observa ecoe simpaticamente no observador e suscite um qualquer significado de algo analogamente sentido. Um signo simpático é percebido, então, sobre o pano de fundo de uma partilha, de uma "capacidade empática" afectiva, de uma "comunidade de funções orgânicas, afecções imediatas e paixões simples"⁶³. Trata-se aqui, aspecto relevante, de considerar uma *abertura ao outro* que não é mesmidade fusional mas relação vivida⁶⁴. A "atmosfera" de atracções e repulsas, as empatias, as afinidades, a decifração de signos, enfim, a convivência silenciosa e a equivalência de corporeidades vividas configuram esse acolhimento da alteridade que me toca, ecoa em mim e me transforma. Não espantará, pelo exposto, que na primeira conferência de Bergerac, considere serem também relações de *simpatia* ou de *imitação*⁶⁵ – ainda que diferentemente do princípio comum da simpatia das afecções – que interferem com o *tom* das relações filiais, sociais, morais, amorosas, constituindo um "primeiro passo" da relação ao outro⁶⁶. M. Richir confirma-o: "assim como o sujeito que me fala não pode dominar, por exemplo, a sua alegria ou a sua tristeza, eu não posso, no encontro, dominar as minhas 'reações', no que a *Stimmung* de outro me ganha apesar de mim, me invade para me alegrar ou me desesperar"⁶⁷.

Na perspectiva do filósofo de Bergerac, para que determinados comportamentos sejam reconhecidos como derivados da *afectividade*, será necessário que dado comportamento observado seja mais do que um *hieróglifo de linguagem morta* e suscite, por empatia – que a organização afectiva comum torna possível –, um "análogo na língua viva de um sujeito"⁶⁸, invocador de algo conhecido, de um significado psíquico qualquer que permita ligar um significado ao significante observado. Neste sentido, enfim, o que pode garantir a validade do signo – e isto apesar de o significado permanecer, em si mesmo, imperceptível – é o facto de o significante despertar, por "afinidade simpática" (numa *mise en abîme* de contágios afectivos), um significado que o observador induz por analogia a partir do que, em si, é a diferença entre a vida de relação e o *mesmo* padecer do sofrer da existência, a *mesma* proximidade ao que extravaza a consciência, o *mesmo* pressentir da simplicidade vital⁶⁹.

Ora, não será, no horizonte deste debate, um pormenor que, ao colocar a questão de saber que comportamentos, de um modo geral, são aptos a assinalar e a alertar o observador *atento e judicioso* para a ocorrência de fenómenos afectivos, Maine de Biran enuncie como potencialmente significantes "todos os comportamentos lacunares"⁷⁰ – *eruptivos* – ou suficientemente *estranhos* para serem reconhecidos como não derivando da vontade: entre outros exemplos, indica a falta de memória, as paixões momentâneas, as ideias bizarras e obsessivas, as repugnâncias incontroláveis e as influências inexplicáveis⁷¹, os actos anormais, os delírios, os devaneios sonâmbulos. Tais exemplos transformam a expressividade do jogo afectivo num problema delicado: a afinidade com os ritmos próprios da vida afectiva – que, em si mesmos, não formam um tempo próprio – deve ser suscitada; mas se é assim necessário "aproximar-se" do que em si extravasa a vontade, como se poderá expressar *isso* sem se deixar absorver pelo respectivo poder dissolvente de contágio? Porque, digamo-lo claramente e desde já, o mesmo fundo infra-consciente, a mesma presença muda do inconsciente somático que determina a variedade do temperamento, determina, de acordo com Maine de Biran, todos os estados perturbadores ou usurpadores da vigência da consciência e do *eu*: os fenómenos normais do sono, sonho e sonambulismo; os estados de furor, delírio ou alucinação⁷²; os estados derivados do *magnetismo*; os momentos em que parecemos sonâmbulos de nós próprios; os momentos em que se é tomado pela paixão como se *sonhássemos*, se age adormecido como um sonâmbulo, se é assolado pelo *sentimento confuso* de "um modo anterior de existência", perturbado pelas imagens fulgurantes da intuição, monopolizado pelas variações mais inesperadas de movimentos orgânicos desconhecidos; e, finalmente, os casos mais radicais (e por isso significativos) configurados pela "mania" e pelos fenómenos de "alienação mental"⁷³.

4. Segundo M. Richir, o exemplo dos artistas revela-se, a este respeito, instrutivo. Aludirá aos que trabalham com a música⁷⁴ (e como Biran o compreenderia) e conhecem em primeira mão o corpo vivo da *phantasia* com suas virtudes de adaptação não especular, sempre capazes de *apanhar os ritmos*; referirá também os poetas e os actores de teatro (comédians)⁷⁵. Por igual reconhece que dominam o mester de *mimar*, na justa medida, os comportamentos que repercutem o fluxo da vida afectiva – sempre num fio de trapézio que se estica na proximidade do que, em nós, é princípio de desapossamento.

Mesmo partindo do seu plano mais "arcaico", as afecções são susceptíveis de uma "instituição simbólica", sendo, de facto, simbolicamente instituídas⁷⁶ por todos, sem no entanto se poderem reduzir a essa instituição⁷⁷. Maine de Biran já o havia notado, no balanço da sua teoria dos signos simpáticos, ao declarar que o jogo das afecções não perde a sua opacidade e o significado que se pode atribuir a um determinado comportamento lacunar não passa de um "substituto", no que se conserva radical a sua *imperceptibilidade* e estranheza. Ora, para Richir, o inevitável desajuste que assim se descortina entre a "expressão" e o que se pretende "expressar" merece atenção: ele revela que a "verdade" da expressão apenas pode encontrar o seu critério no "génio" do poeta, do músico, ou do actor, capazes que são da evocação da *Stimmung* na sua "realidade" enigmática e intraduzível, operante, destemperada, *alienante*. O equilíbrio e a subtileza que impedem o exagero, o defeito, o "mau gosto", servirão de referência segura, tanto mais difícil de obter quanto é de rompante e sem anúncio que sempre aflui a vida afectiva.

Tal "acolhimento", quase será escusado dizê-lo, desenrolar-se-á no espaço de um saber profundo da corporeidade interior complexa, fora do qual facilmente se cede à banalidade de uma *mimesis* especular, à ilusão da cópia fiel, ao ridículo da imitação superficial – fora do qual se estará, teria dito Maine de Biran, longe da fonte mais verdadeira, que transportamos em nós próprios, dos nossos bens e dos nossos males⁷⁸. "Fazer de louco", por exemplo, exigirá que se *mime* o que, em nós próprios, é o começo da loucura; "fazer de sonhador", do mesmo modo, será mimar o que, em nós sem nós, comanda a alternância quotidiana de todas as vigílias e todos os sonos e sonambulismos. Neste sentido, o "fazer de" ocorre sobre a possibilidade de uma "*mimesis não especular, activa e do interior*"⁷⁹: *mimesis* do corpo rebelde dos afectos pelo corpo do esforço – que deve, então, ser capaz de preservar o apego da *Stimmung* e admitir as respectivas repercussões ou propagações. Desse apego ao "fazer de" intensificado do corpo da consciência (no vigor dos gestos, fisionomia do rosto, lágrimas, tom da voz, as posições do corpo...⁸⁰) depende a vivacidade e a "verdade" da "expressão" – aquela que se alcança, não ao copiar a aparência especular, mas quando se "incarna" uma personagem, se repercutem os *movimentos da sua alma*, as subtilezas das suas afecções e respectivas metamorfoses⁸¹. E se o actor cumpre tal desiderato não será senão porque se deixa tocar pelas potências *alienantes* do corpo afecti-

vo, porque frequenta as margens da consciência de si, ou seja, porque se sabe situar numa sempre apertada zona de negociação com aquilo que o pode perder – sempre sem se deixar *engolir* totalmente, sem se deixar perder totalmente.

A *mise en scène* dos poderes expressivos da *Stimmung* nesse lugar de fronteira interior depende, segundo Richir, da sua precária e sempre parcial captura na *transpassibilidade*; captura que, acrescenta o fenomenólogo, "transpõe a *Stimmung* para o que deverá com naturalidade nomear-se de *pathos*"⁸². Para Biran, por seu lado, na proximidade da fonte dos nossos bens e dos nossos males, na fronteira porosa da vida impessoal, o essencial reside em dizer a "passagem" entre o que, no homem, deriva do *eu* e o que no homem opera nele sem ele; tarefa tanto mais difícil quanto, precisamente, se trata de meditar a própria "passagem" entre posse de si e desapossamento, presença a si e ausência de si, vigília e sono, harmonia e desequilíbrio, consciência de si e *alienação*. Também Biran – como Richir – não ignorará, por isso, o *pathologico*⁸³ como ocasião privilegiada de compreender o que está em causa na proximidade da vida afectiva sempre refractária.

5. Sobre a influência e os contágios cegos da vida impessoal ou afectivo-intuitiva Biran nunca se enganará de facto: se é verdade que "a vida exterior muda por vezes as disposições internas" quando, no entanto, "estas últimas são muito marcadas, arrastam as sensações do exterior, como as ideias do espírito, dando-lhes o tom ou absorvendo-as"⁸⁴. Sublinhe-se esta última palavra: as mesmas disposições internas que dão o *tom* ao sentimento de existência podem absorver o *eu* e dissolver a posse de si. De igual modofalaremos desse fundo da vida em nós, desse corpo rebelde que se entretece de afectos-puros ilocalizáveis, afectos-imagens, afectos-movimentos⁸⁵ e assinala a possibilidade de uma anulação da consciência e da posse de si.

É com surpresa e um misto de assombro que Biran toma consciência desses sintomas "alternativos de existência" – de que o corpo marca o ritmo: num momento, vivemos, sentimos e agimos num estado de *conscium* ou *compos sui*, favorecido por um corpo interiormente presente, disponível e disposto; no momento seguinte, vivemos, sentimos e agimos como sonâmbulos, alucinados ou débeis, emersos numa paisagem afectiva que embarga e dissolve a cons-

ciência e amiúde nos rouba de nós próprios – estamos, então, *alienus*. O carácter de imediação e indistância do corpo afectivo pode, pois, degenerar em identificação pura. O *eu* é, então, como que *engolido*, passando a agir sob as determinações de uma *vivacidade vital* que “absorvem a inteligência, mudam a direcção das ideias e a ordem de todos os movimentos”⁸⁶, substituindo-se, num certo sentido, “às faculdades mais relevantes” na condução dos próprios princípios da acção.

Os casos extremos de “alienação mental”, pelo seu carácter radical, são a este respeito significativos. Incluídos por Maine de Biran no mesmo conjunto de estados onde predomina a sensibilidade afectivo-intuitiva exacerbada – estados em que *o pensamento dorme, a vontade é nula, o eu está absorvido nas impressões sensíveis, a pessoa moral não existe*⁸⁷ –, é o mesmo contágio da vida afectiva que pode degenerar em influência psicótica. Biran liga o “idiotismo” à reacção do cérebro a afecções desmesuradas que fazem sucumbir a forma do pensamento. Por seu turno, a “demência” terá como causa a produção espontânea de imagens decorrente do poder selvagem de produção imagética próprio da intuição passiva que, precisamente, pode, então, ser *alucinatória*⁸⁸: o mesmo cruzamento de afectos e imagens (que passa pela imaginação) que nos modifica na emoção pode chegar a ser de tal forma marcado que “as crenças ilusórias que aí se proporcionam prevalecem sobre todos os testemunhos contrários e sobre todos os hábitos adquiridos”⁸⁹; estaremos, então, no caso das *fantasmagorias* e das visões dos maníacos ou dos transtornados⁹⁰ – visões que dependem, precisamente, na perspectiva de Biran, da “crença obstinada e inflexível” no que afecta e nas *imagens* interiores da intuição passiva⁹¹ que lhe estão ligadas e são resultante de análoga disposições da sensibilidade passiva. Numa palavra, a loucura será a impossibilidade em que alguém se encontra de se desprender do fascínio tirânico exercido pela vida afectivo-intuitiva – suprimida que foi a mínima distância por relação à vida afectiva, como por relação às suas repercussões na consciência. Nesses casos tudo se passa para Biran como se o “tom actual sobre o qual se ergue a sensibilidade interior”⁹² aprisionasse totalmente com o véu das suas particularidades, como se essa sensibilidade interior afectiva fosse recebida, na sua passividade, como invasão total, como – diria Richir com a terminologia de H. Maldiney e no horizonte *Daseinanalyse* – ruptura de *transpassibilidade*⁹³.

Não ignoramos que a teoria da alienação completa que Biran avança neste contexto é, no mínimo, polémica⁹⁴. O triplo escopo que a determina merece, ainda assim, atenção: obstar à tese condillaciana de um *eu* na afecção, opondo-lhe a tese de que não é possível reflectir a ausência de si; criticar o paradigma da manifestação que, de Condillac a Gall passando por Pinel, julga possível “ver” as faculdades intelectuais; confrontar, através de uma nova distinção entre *ipseidade* e alienação, os pressupostos de uma divisão das faculdades como a de Pinel. Com estas linhas teóricas pode o filósofo de Bergerac meditar a constituição precária e frágil do pensamento, da consciência, das faculdades activas. Pronuncia, deste modo, o escândalo de não pensarmos sempre, de não nos possuímos de uma vez por todas, de não dominarmos a vigência da consciência de si, de nos perdermos no aparecer selvagem e sem figura da parte de nós próprios que não dominamos – a vivacidade dos afectos e das suas simpatias secretas, as *fantasmagorias* de uma sensibilidade passiva imagética que cruzam recorrentemente a consciência e a reflexão, transtornando os seus encadeamentos normais e substituindo-se-lhes.

Neste contexto, Biran não esquecerá uma questão decisiva: a de saber onde e como se traçam os limites da posse de si na proximidade da vida *que opera em mim sem mim*, na iminência do desapossamento. Ao exemplo dos artistas acrescentará, para confirmar esse lugar de fronteira e de troca, o exemplo – que Richir compreende bem⁹⁵ – do *melancólico*⁹⁶. Entre os homens, será este quem “melhor sente a existência”: na proximidade da vida impessoal, negociando o seu equilíbrio paredes meias com o corpo afectivo, experimenta, na sua existência individual, a própria estranheza de não ser sempre e em todo o lado na sua própria existência, de ser depois de não ter sido, de não ser causa de todos os seus modos de existência, de não ser dono do seu tempo no fluxo qualitativo que passa sem duração, de não dominar o que a carne pode recordar. A melancolia não é senão esse sentimento triste mas compadecido que acompanha o drama quotidiano da dificuldade de se possuir plenamente num estado de *concentração* ou harmonia. Nas margens da experiência consciente, na linha de fronteira entre um corpo tornado próprio e um corpo rebelde, presente-se a possibilidade da sua própria ausência, da sua própria perda. O melancólico confirma – neste ponto unindo-se aos artistas – o que está em questão na alternância entre posse de si e desapossa-

mento, consciência e inconsciente, *ipseidade* e alienação, *conscium* e *nescius*, a saber: que podemos ser, no tempo do nosso existir, mais vezes passivos do que activos, mais vezes joguetes da vida impessoal do que seres reflexivos, mais vezes *autómatos* do que seres pensantes. De um ponto de vista filosófico, configura-se assim um terreno de investigação sobre o que pode o homem e o pensamento, sobre os lugares de passagem – no centro da própria existência – entre o *humano* e o *inumano*, entre a vida consciente pessoal e a vida afectiva inconsciente; enfim, porque de tal se trata aqui, entre o corpo que apropriamos na actividade voluntária e permite a consciência, e o corpo involuntário que não podemos senão *ser* – e que, para o bem ou para o mal, nos pode perder.

6. Para Maine de Biran, o *demasiado humano do homem* é o escândalo de um pensamento cruzado pelo impensável,

de uma consciência de si constantemente refém de agitações nervosas, disposições do corpo, imagens selvagens, afecções várias. A que ponto dependo, então, eu de mim próprio⁹⁷ no ritmo escandaloso de uma dupla existência em mim, voluntária e involuntária? Impossível ignorar, pois, o que da existência propriamente humana se joga nos contágios da *Stimmung*.

A consideração da vigência da fenomenologia hoje não regateará, certamente, a importância de considerar em que medida mutuamente se esclarecem e aprofundam o horizonte fenomenológico contemporâneo e as tradições filosóficas que com ele se entrecruzam. O biranismo parece-nos um caso decisivo. Aproximando-se na diferença, não será descabido afirmar que a especificidade da denominada *fenomenologia francesa* nele encontra, em vários temas⁹⁸, um elo determinante.

NOTES

- 1 Richir, Marc, *Phantasia, imagination et affectivité*, Million, Grenoble, 2004.
- 2 Cf. Id., "Stimmung, Verstimmung et Leiblichkeit dans la schizophrénie", in AA.VV., *Conferências de Filosofia II da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Campo das Letras, Porto, 2000, p. 57.
- 3 Cf. Id., *idem*, p. 57. Veja-se ainda Id., "La mélancolie des philosophes", in *L'affect philosophe*, Vrin, Paris, 1990, pp. 11-34. Veja-se, nomeadamente, a questão da *Befindlichkeit*.
- 4 Id., "Stimmung, Verstimmung et Leiblichkeit dans la schizophrénie", o. c., p. 59.
- 5 Maine de Biran, *Rapports des sciences naturelles avec la psychologie*, Œuvres de Maine de Biran, t. VIII, ed. Vrin, Paris, 1986, p. 24. À excepção do *Journal* (3 vol.) editado por Henri Gouhier nas Éditions de la Baconnière, todos os textos de Biran serão citados na mesma edição Vrin, da qual

indicaremos sempre o número do volume. Assim referiremos: *Dernière philosophie. Existence et anthropologie* (*Dernière philosophie*); *Discours à la Société Médicale de Bergerac* (*Discours*); *Essai sur les fondements de la psychologie* (*Essai*); *Rapports du physique et du moral de l'homme* (*Rapports*); *Nouvelles considérations sur les rapports du physique et du moral de l'homme* (*Nouvelles considérations*); *De l'aperception immédiate. Mémoire de Berlin* (*De l'aperception*); *Mémoire sur la décomposition de la pensée* (*Décomposition*).

- 6 *Dernière philosophie*, X-2, p. 6.
- 7 Questão pertinente, mesmo quando se procede a distinções importantes no núcleo da sensibilidade afectiva entre *afecções particulares* e *intuições*. Cf. por exemplo, *Discours*, V, pp. 12-13; *Essai*, VII-2, p. 215 e ss. Cf. Azouvi, F., *Maine de Biran. La science de l'homme*, Vrin, Paris, 1995, p. 272.
- 8 *Discours*, V, p. 29.
- 9 *Essai*, VII, p. 212.

Recibido: 11 de noviembre de 2007

Aceptado: 15 de diciembre de 2007

- 10 *Discours*, V, p. 25.
- 11 *Nouvelles considérations*, IX, p. 132.
- 12 *Discours*, V, p. 94.
- 13 Cf. *Essai*, VII-2, p. 212: "Dès les premiers moments de son existence, l'être sensitif souffrira ou jouira, il sera heureux ou malheureux d'être ou de sentir, sans qu'il soit besoin pour cela d'aucune comparaison entre un état et un autre. Les plaisirs de relation ne commencent qu'avec la vie intellectuelle, et ne trouvent point place dans une vie organique ou animale."
- 14 O termo encontra-o Biran nas suas leituras, pioneiras em França, de Reil (Cf. *Nouvelles considérations*, pp. 171 e ss, 125 e ss) mas a ideia que tal termo resume - a de um sentimento imediato do corpo - é há muito já considerada por Biran. Cf. por exemplo, *Discours*, V, p. 24. Cf. Azouvi, F., "L'affection et l'intuition chez Maine de Biran", in *Les études philosophiques*, janvier/mars, 1982, p. 80, n. 10. Cf. Montebello, P., *La décomposition de la pensée*, Million, Grenoble, 1994, p. 146. Devarieux, A., *Maine de Biran. L'individualité persévérante*, Millon, Grenoble, 2004, p. 277.
- 15 *Essai*, VII-2, p. 224.
- 16 *Décomposition* (versão premiada), III, p. 91. *Discours*, V, p. 30.
- 17 Cf. *Essai*, VII-2, p. 223: "(...) Toutes les traces d'impressions ne sont pas des souvenirs (...)."
- 18 Cf. Id., *idem*, p. 225: "Nous retrouvons des traces de ces affections étrangères à la conscience dans certains états singuliers où nous nous surprisons quelquefois pendant la veille, et qui ne nous affectent ni comme tout à fait nouveaux, ni comme occupant une place dans notre souvenir".
- 19 Richir, M., "Stimmung, Verstimmung et Leiblichkeit dans la schizophrénie", o. c., p. 59.
- 20 *De l'aperception*, IV, p. 137.
- 21 Cf. por exemplo, Id., *idem*, pp. 58; 71; 73. Existimos, nesses modos, num "imediato" em tudo distinto do que virá a ser o *imediato* próprio da apercepção. O *imediato da existência sensitiva*, ao contrário da imediação aperceptiva caracteriza um *existir vazio de consciência*. O *imediato* inerente à apercepção é, na ordem do conhecimento, primeiro; sem alguém que se soubesse no conhecer nada seria conhecido e o real, enquanto real conhecido, não existiria. O *imediato da apercepção* permite, então, a constituição da consciência de si e é fundamento de um conhecimento individualizado ou certeza não-representativa. O imediato da vida não só não permite o conhecimento do eu como exclui a sua presença. Azouvi chama-lhe o "mau imediato". Cf. Azouvi, F., "L'affection et l'intuition...", o. c., p. 79: "De même qu'il y a chez Hegel un bon et un mauvais infini, il y a chez Maine de Biran un 'bon' et un 'mauvais' immédiate". O mesmo texto é retomado pelo comentador em Azouvi, F., *Maine de Biran...*, o. c., p. 196. Numa formulação, a nosso ver, mais conseguida e acutilante desenvolverá esta questão em termos de uma distinção entre "imediateidade do conhecimento" de si e uma "imediateidade da existência". P. Tisserand já havia meditado a questão em *L'anthropologie de Maine de Biran*, Félix Alcan, Paris, 1909, p. 51: "Si la conscience est le fait primitif, dans l'ordre de la connaissance, la vie et le sentiment spontané de la vie la précèdent, dans l'ordre de l'existence."
- 22 Cf. Azouvi, F., "Conscience, identification et articulation chez Maine de Biran", in *Revue de Métaphysique et de Moral*, 3 (1983), pp. 465-484.
- 23 *Décomposition* (versão premiada), III, p. 91.
- 24 *Discours*, V, p. 28.
- 25 *Rapports*, VI, p. 133.
- 26 *Discours*, V, p. 25.
- 27 Cf. *Essai*, VII-2, p. 214: "N'est-il pas en effet comme le destin, cet agent invisible de la vie qui opère en nous sans nous et dont nous subissons toujours les lois, alors même que ce qui est le *fatum* dans le physique deviendrait prévoyance dans le moral?".
- 28 Cf. *Rapports*, VI, p. 3. Frase de Leibniz escolhida por Biran para epígrafe da *Mémoire*.
- 29 Montebello, P., "Maine de Biran: la relation entre esprit et corps", em Quilliot, Roland (Dir.), *Le corps et l'esprit, ellipses*, Paris, 2003, p. 106.
- 30 *Discours*, V, p. 13.
- 31 Cf. *De l'aperception*, IV, p. 68. Cf. Azouvi, F., "L'affection et l'intuition...", o. c., p. 80.
- 32 Richir, M., "Stimmung, Verstimmung et Leiblichkeit dans la schizophrénie", o. c., p. 62.
- 33 *Discours*, V, p. 23.
- 34 *Discours*, V, p. 25; Cf. *Nouvelles considérations*, IX, p. 132.
- 35 Cf., *Nouvelles considérations*, IX, p. 62: "Aussi la partie de nous-mêmes sur laquelle nous sommes le plus aveugles est-elle l'ensemble de ces impressions immédiates de tempérament, dont ce que nous nommons caractère n'est que la physionomie."
- 36 Cf. *Discours*, V, p. 29, *passim*.
- 37 Id., *idem*, p. 29.
- 38 Id., *idem*, l. c. Referência análoga em *Décomposition* (versão premiada), III, p. 92. O temperamento ("modos variáveis do sentimento orgânico, fundamental, imediato da existência orgânica também chamada vida interior") escapa a explicações "espiritualistas", mecanicistas, animistas ou

- estritamente físicas. Cf. Le Roy, G., *L'expérience de l'effort et de la grâce*, Boivin & C.^a, Paris, 1937, p. 225.
- 39 *De l'aperception*, IV, p. 74.
- 40 *Discours*, V, p. 29.
- 41 *Rapports*, VI, p. 98.
- 42 *Décomposition* (versão revista), III, p. 384.
- 43 *Essai*, VII-2, p. 224.
- 44 *Discours*, V, p. 29.
- 45 Temos em mente as análises biranianas das ideias "estéticas" e "morais".
- 46 *Nouvelles considérations*, IX, p. 62.
- 47 Cf. Id., *idem*, p. 216; Cf. *Discours*, p. 14.
- 48 Cf. Dupuis, M., "À propos du sentiment biranien de l'existence" in *Revue philosophique de Louvain*, t. 103, 1-2, 2005, p. 169. Cf. Tellenbach, H., *Goût et atmosphère*, PUF, Paris, 1986.
- 49 *Discours*, V, p. 19.
- 50 Id., *idem*, p. 22.
- 51 Cf. Id., *idem*, pp. 14-15, *passim*.
- 52 Cf., por exemplo, *Journal*, II, p. 145. Tese decisiva: em Biran o mundo não é "constituído" pela actividade intencional da consciência, mas pela passividade da afecção orgânica.
- 53 *De l'aperception*, IV, p. 201, *passim*. Cf. *Discours*, V, pp. 42-43.
- 54 Bergson e, num outro sentido, Merleau-Ponty poderiam entrar neste debate. Cf. Barbaras, R., *Le désir et la distance Introduction à une phénoménologie de la perception*, Vrin, Paris, 1999.
- 55 *Nouvelles considérations*, IX, p. 132.
- 56 *Essai*, VII-2, p. 202.
- 57 *Nouvelles considérations*, IX, p. 132.
- 58 Referência de Richir, "Stimmung, Verstimmung et Leiblichkeit dans la schizophrénie", o. c., p. 63.
- 59 Não é descabido, neste sentido, considerar uma experiência da passividade que justifique o sentido dado à utilização do termo "sentimento" na afirmação de um "sentimento penoso de existência" (e ateste uma *sensibilidade* capaz de sentir as impressões vitais e não apenas uma capacidade orgânica de sentir impressões). Sentir-se passivo é sentir, na presença de mim próprio, uma força que se exerce sem a contribuição da minha força, ou contra a minha força - força que não atribuo ao eu como causa, como também não a atribuo a uma entidade exterior à minha própria existência. *Essai*, VII, pp. 203-204; 250-251. Ao unir-se aos *primeiros modos simples* o eu reveste-os das formas que lhe são próprias e destas destaca-se a "causa". Ora, a ideia de causa é, para Biran, ajustada apenas ao sujeito do esforço e releva de um conhecimento imediato do corpo na relação primitiva. Que dizer do âmbito de uma "impressão passiva", sentida como oposta ao esforço ou independentemente de todo o exercício da vontade, senão que nos remete para a consideração de uma "causa não-eu"?
- 60 O desenvolvimento do que Biran nomeia de "tacto interior", "afectivo" (*Décomposition* (versão revista), III, p. 294) ou "imediato" (*Rapports*, VI, p. 110; cf. *Discours*, V, p. 29) encontra-se no núcleo dessa experiência de uma "verdade de sentimento" do que permanece sem figura.
- 61 *Décomposition* (versão revista), p. 92. Para uma contextualização do importante tema da "simpatia", Cf. Bouckart, B., "L'itinéraire de la sympathie", in *Revue philosophique de Louvain*, T. 103, 1-2 (2005), pp. 105-119. "[Maine de Biran] a tout d'abord utilisé ce mot dans le sens 'médicale' de l'époque, c'est-à-dire, comme fossile de la conception renaissante (...). Il évoluera ensuite vers une conception mixte dans laquelle la sympathie sera une communication interpersonnelle fondée sur des 'signes sympathiques' avant d'opter, à la fin de sa vie, pour une conception nettement plus 'magique.'" Interessamos aqui o segundo momento, onde a relação entre o *feto* e a *mãe* surge a Biran como demonstrativa da forma afectiva de comunhão interpessoal. Tal relação não impediria, contudo, que se estendesse a investigação da *capacidade simpática* a "todo o conjunto de relações existentes entre as afecções imediatas da sensibilidade e as determinações reflexivas da vontade".
- 62 Richir, M., "Stimmung, Verstimmung et Leiblichkeit dans la schizophrénie", o. c., p. 64.
- 63 *Discours*, V, p. 31.
- 64 Note-se a proximidade com o conceito husserliano de *Einführung* e sua releitura merleau-pontyana. Cf. Husserl, E., *Idenn zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie II: Phänomenologische untersuchung zur konstitution. Idées directrices pour une phénoménologie et une philosophie phénoménologique pures II La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale*, (trad. franc.), Gallimard, Paris, 1976, pp. 231 e ss. Merleau-Ponty, *Le visible et l'invisible*, Gallimard, Paris, 1987, p. 299.
- 65 *Discours*, V, p. 31. Veja-se, no outro extremo da obra biraniana, *Nouvelles considérations*, IX, p. 76.
- 66 Cf. *Discours*, pp. 32; 37-38: "(...) d'où la sympathie morale, les sentiments de l'âme et les passions mixtes fondées sur les communications d'homme à homme, dans ces relations compliquées que fait naître l'état social". Cf. num mesmo sentido, *Rapports*, p. 132: "C'est ainsi

- que les affections les plus douces, les penchants les plus forts, les plus constants de la nature humaine, ceux surtout qui tiennent à la conservation des individus, à la perpétuité des races, au maintien de l'état social, comme la sympathie général qui fait tendre l'homme vers l'homme, celle plus spéciale qui détermine l'attrait des sexes, le besoin de se propager, comme celui de compatir, d'aimer, d'admirer, etc. peuvent passer invariablement des mères aux enfants, s'étendre à tous les temps, à tous les lieux, et marquer ainsi le caractère des individus et celui commun de l'espèce, d'un sceau qui ne peut s'effacer." Cf. *Dernière philosophie: morale et religion*, X-1, p. 9. Cf. para esta análise "da moral", Baerstchi, B., "Les fondements de la morale de Maine de Biran", en *Revue de métaphysique et de morale*, 3 (1983), pp. 437-464.
- 67 Richir, M., "Stimmung, Verstimmung et Leiblichkeit dans la schizophrénie", o. c., p. 62.
- 68 Azouvi, F., *Maine de Biran...*, o. c., p. 176.
- 69 Cf. *Discours*, V, p. 34.
- 70 Azouvi, F., *Maine de Biran...*, o. c. p. 176.
- 71 Cf. *Discours*, V, p. 39.
- 72 Que Biran divide em "externa ordinária" (implica a existência de um objecto exterior e pode ser compreendida) e "interior" (acontece na ausência de qualquer percepção real que possa contrariar a imaginação e leva a que a alucinado, preso a imagens que, distantes dos sentidos, impedem qualquer possibilidade de regulação, viva no eclipse do pensamento real).
- 73 Cf., por exemplo, *Décomposition* (versão revista), III, p. 388 ou *Nouvelles considérations*, IX, p. 236.
- 74 Cf. Richir, M., "De la 'perception' musicale et de la musique", in *Filigrane*, n.º 2 (2005), pp. 11-20.
- 75 Cf. Id., "Stimmung, Verstimmung et Leiblichkeit dans la schizophrénie", o. c., p. 66.
- 76 Id, *idem*, p. 67.
- 77 Id, *idem*, l. c. Neste contexto, faz notar o fenomenólogo: "c'est cela même qui rend si difficile, du point de vue phénoménologique, la distinction, à la même le concret de l'expérience, de l'affectivité 'primordiale' ou 'sauvage' et de l'affectivité toujours déjà codée symboliquement, par surcroît à un tel degré de profondeur et d'archaïsme que le plus souvent, nous ne le soupçonnons même pas".
- 78 *Discours*, V, p. 29.
- 79 Id., *idem*, l. c.
- 80 Cf. Id., *idem*, l. c.
- 81 Cf. Richir, M., "De la 'perception' musicale et de la musique", o. c., p. 17. Trata-se de um dar a "perceber" em "phantasia".
- 82 Devendo este termo ser entendido no espectro que se estende da "paixão" ressentida através do simulacro da imitação à pose que se assume, numa simulação por assim dizer eficaz, para a fazer crer aos outros. Cf. Richir, M., "Stimmung, Verstimmung et Leiblichkeit dans la schizophrénie", o. c., p. 68.
- 83 Richir termina neste ponto a sua análise introduzindo o tema da esquizofrenia. Cf. Richir, M., "Stimmung, Verstimmung et Leiblichkeit dans la schizophrénie", o. c., p. 69. Biran, por seu turno declarará numa das conferências de Bergerac: "(...) Rien est plus instructif pour l'homme raisonnable que l'histoire de la folie." *Discours*, V, p. 105.
- 84 *Journal*, II, pp. 123-124.
- 85 Cf. Montebello, P.; "Maine de Biran: La relation entre esprit et corps", o. c., p. 106.
- 86 *Discours*, V, p. 28. Tese cedo formulada em *Décomposition* (versão revista), III, p. 294: "Quand ces affections dominant, elles absorbent tout ce qui n'est pas elles." Sublinhe-se o uso "alargado" do conceito de *alienação*.
- 87 *Essai*, VII-2, p. 209; Cf. *Décomposition* (versão revista), III, p. 370.
- 88 Cf. *Nouvelles considérations*, IX, p. 73. E pode ser alucinatória ao receber o concurso da sensibilidade interior perturbadora, cujo objecto pode ser, em rigor, tanto exterior como interior [cf. *Décomposition* (versão premiada), III, p. 143] no sentido em que à projecção representativa num espaço exterior se pode acrescentar a possibilidade intuitiva de despertar *imagens que estão em mim*.
- 89 *Essai*, VII-2, pp. 253-254.
- 90 Cf. Id., *idem*, p. 219. São as mesmas condições orgânicas da visão passiva que produzem "encore ces images, tantôt mobiles, tantôt opiniâtement persistantes, qui accompagnent certains états de vapeur, de delire, de manie, de songes". Cf. Id., o. c., p. 254: "Telle est la croyance opiniâtre et inflexible qui s'attache aux visions des maniaques, des vaporeux, aux fantômes qui se produisent dans le sommeil, par l'influence sympathique que certaines organes intérieurs, comme l'estomac, l'épigastre, le sixième sens, exercent sur l'organe de l'imagination, soustrait alors à l'empire de l'âme."
- 91 Cf. *De l'aperception*, IV, p. 142. Cf. *Correspondance philosophique Maine de Biran-Ampère*, XIII-1, p. 176: "Je vous demanderai à cette occasion et en passant comment vous rendrés (sic) compte des opérations des animaux, et surtout de cet instinct

animal qui dans plusieurs espèces n'a besoin d'aucune expérience pour diriger l'animal vers l'objet placé à distance."

92 *Essai*, VII-2, p. 253.

93 Cf. Richir, M., "Stimmung, Verstim-mung et Leiblichkeit dans la schizo-phrénie", o. c., p. 68.

94 Veja-se o debate com Pinel ou os de-sacordos com o amigo Royer-Collard.

Cf., nomeadamente, *Nouvelles consi-dérations*, IX, pp. 9 e ss.; 259 e ss.

95 Cf. Richir, M., "La mélancolie des phi-losophes", o. c., p. 11 e ss.

96 Cf., por exemplo, *Discours*, p. 28; *Nouvelles considérations*, p. 67; 133; *Rapports*, p. 152. As referências no *Journal* encontram-se em pratica-mente todas as páginas.

97 *Journal*, III, p. 166.

98 Considerámos estas possibilidades a propósito da distinção biraniana entre corpo próprio (interior e sem figura) e corpo físico (exterior e representável). Cf. Umbelino, Luís António, "O Corpo do Esforço. Maine de Biran e a Fenomenologia" in *O Humano e o Inumano - A Dignidade do Homem e os Novos Desafios*. Coimbra, Affen, *Phainomenon*, Lisboa, 2007